

**O ENTENDIMENTO DA LINGUAGEM DA DANÇA DO VENTRE:
UMA RE-ORGANIZAÇÃO DE *JOGOS DE VERDADE***

Ana Cristina de Lucena Figueiredo – UFPB

Pensar a dançarina e/ou a praticante da Dança do Ventre na sua relação com o corpo/Ser/mundo é pensar um sujeito relacionado com um mundo a partir do seu lugar social. Ao se inserir neste contexto sócio-cultural-ideológico, a figura feminina ocupa um lugar de sujeito social relacionado com linguagens: a falada, a escrita, a linguagem do corpo e a da dança. É um sujeito relacionado com o mundo, com seus objetos numa comunicação simbiótica de onde se tiram sentidos, de onde se deslocam sentidos. Trabalhar essa relação tornou-se um desafio para nós: enxergar a Dança do Ventre como elemento catalisador de emoções e reencontro da mulher consigo mesma. Foi pensando numa realidade vivenciada não só como dançarina, mas também como professora de Dança do Ventre que resolvemos enfrentar o desafio. Não basta ser só dançarina e/ou praticante, ser mulher e vivenciar a mais “pura prece entre o corpo e o vislumbrar do corpo com o divino”. É reconhecer-se como mulher na relação com o corpo na e pela linguagem da Dança do Ventre.

Assim, procuramos analisar a figura feminina como sujeito-mulher praticante da Dança do Ventre através de seus discursos-depoimentos em entrevistas enquanto sujeito-enunciador de um dizer que confirma a relação entre corpo/alma na e pela linguagem da dança.

A nossa idéia nasceu do contexto em que mulheres se transformavam ao entrar em contato com a Dança do Ventre a partir de aulas ministradas e experiências vivenciadas em aulas de Dança do Ventre. Procuramos, então, caminhar por trilhas que nos levassem à concretude da experiência com a dança.

Dessa forma, nosso trabalho procura examinar, através do discurso do sujeito-mulher, a “reorganização” do corpo feminino reformulando valores ideológicos através da dança. A Dança do Ventre, enquanto forma de expressão essencialmente feminina, considerada como componente transformador, pode levar a mulher à procura de novas perspectivas. Nosso direcionamento parte da seguinte perspectiva: a Dança do Ventre como elemento catalisador que pode levar a figura feminina a (re)equilibrar e transformar o seu interior, a essência feminina.

Diante da situação sócio-histórico-cultural em que se inseriu a mulher, houve uma perda de valores que a distanciaram de si mesma, o que a fez perder sua essência, uma vez que distanciada de si, do grupo, do seu corpo, afasta-se também do seu feminino. E é a partir deste distanciamento que a mulher passa a também “perder” a sua essência feminina. Sua convivência com tal distanciamento a faz um sujeito que convive com sua feminilidade de forma problemática. Seus períodos cíclicos femininos, tais como a menstruação, a gravidez, o parto, a amamentação, a menopausa, passam a ser encarados de forma negativa gerando sentimento e experiências de forma problemática, tornando-as doências.

Pensar numa transformação dessa situação é pensar em trabalhar uma nova posição cujos resultados possam colocar a mulher em um outro lugar: um novo sujeito que aprende a lidar com o seu corpo e os seus períodos cíclicos e que se (re)veja como mulher aceitando-se e vendo-se como mulher, amante, mãe e pessoa a partir da reformulação dos valores ideológicos que lhe foram impostos pela sociedade. Valores estes que foram repassados pela história, cultura e memória. Discursos que precisam ser repensados para traçarem uma outra trajetória sócio-cultural onde um outro sujeito-mulher possa emergir repensando e reorganizando o corpo e fazendo ressurgir o afeto, o reconhecimento do seu ser feminino, aconchegando-se consigo mesma e conciliando seu estilo de vida.

Ao considerarmos a dança como uma forma de expressão, entendemos a Dança do Ventre, por ser essencialmente feminina e trabalhar valores ideológicos sobre o corpo feminino, como elemento catalisador que pode conduzir a figura feminina a descobrir novas perspectivas de valorização do feminino.

É nesta perspectiva que podemos considerar a Dança do Ventre como elemento catártico cujos resultados podem gerar uma nova mulher: uma mulher que pode equilibrar e transformar o seu interior. Dessa forma, pensamos poder enxergar a Dança do Ventre como elemento

terapêutico capaz de, com sua linguagem, construir uma “limpeza energética” por meios dos movimentos corporais desbloqueando e liberando emoções que podem resgatar a essência feminina reprimida pelo cotidiano moderno urbano.

Ao cogitar um sujeito social e ideologicamente marcado, a Análise do Discurso contribui com nossa pesquisa haja vista seu suporte teórico em definir os lugares sociais e o funcionamento do discurso nos mais diversos textos.

Enquanto linguagem veiculadora de ideologias, a linguagem poderá identificar sujeitos cujos lugares sociais são modeladores de comportamento de determinadas formações ideológicas. Em seus discursos, as mulheres poderão revelar como o contexto sócio-cultural em que estão inseridas pode construir valores e veicular como, através da Dança do Ventre, tais valores podem ser reorganizados a favor de uma transformação interna, capaz de resgatar um “eu” perdido pela repressão deste contexto.

De acordo com Foucault (2002), o discurso é uma *prática* que, no campo social, associa a língua com “outras práticas”. O discurso deve, então, ser pensado como “prática discursiva”, isto é,

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, numa dada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2002, p. 136).

Na definição de Foucault, o enunciado é a unidade lingüística básica, repetível enquanto que a enunciação é um conjunto de jogos enunciativos que singularizam os enunciados. Para isso, o autor afirma que *se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua* (FOUCAULT, 2002, p. 96). Segundo ele, o enunciado não pode ser entendido como uma estrutura e sim como

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2002, p. 99).

Emprestada de Foucault, Pêcheux traz a noção de Formação Discursiva (FD) relacionada a seu exterior, pois é tomada por elementos vindos de outro lugar e que, repetidos nela, mostra suas evidências. Sendo assim, por meio da FD podemos compreender os diferentes sentidos porque esta agrupa um conjunto de acontecimentos enunciativos. Foucault, interessado em definir a noção de formação discursiva, deixa claro que

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2002, p. 113).

A AD considera que há sempre um sujeito que fala de algum lugar, lugar este onde as formações discursivas se fazem presentes. Desta forma, o discurso insere o sujeito em lugares sociais e este sofre coerções de práticas discursivas. Então, por trabalhar a AD o discurso, ele se torna seu objeto de estudo e o insere na relação da língua com a história buscando, na materialidade lingüística, as marcas da ideologia.

Nesse sentido, escolhemos trabalhar com o sujeito-mulher relacionado com um lugar social: o da linguagem artística da Dança do Ventre com suas práticas discursivas advindas de uma ideologia que preserva valores sócio-históricos orientais.

Ao pensarmos um sujeito social ideologicamente marcado delimitamos nossa pesquisa: um sujeito-enunciador constituído no bojo das práticas discursivas e sociais da linguagem

artística da Dança do Ventre que se apresenta na e pela linguagem enunciando saberes: *verdades* que se sedimentaram por formações discursivas.

Diante da multiplicidade de linguagens em que se insere o sujeito-mulher procuramos analisar a linguagem da Dança do Ventre como veículo transformador de formações ideológicas. Defronte da situação sócio-cultural e ideológica em que se coloca a mulher na pós-modernidade, há que se considerar um contexto turbulento que a coloca em situação de bloqueios, fazendo-a distanciar-se de sua própria substância feminina.

Nosso *corpus* constará de discursos de mulheres praticantes do Grupo Tuareg João Pessoa¹ e não praticantes² da Dança do Ventre, colhidos através de entrevistas gravadas. Trabalhamos com estes informantes com a finalidade de identificarmos o processo de reencontro de si mesma através do reencontro com o corpo.

A AD de linha francesa, que vai além do texto, leva em conta as formações ideológicas que constituem o discurso, procurando descobrir como as condições sócio-históricas de produção estão inseridas no texto via discurso. Dentro desse contexto de que a AD percebe o texto na sua totalidade e relaciona-o a uma exterioridade, Pêcheux (1995, p. 258) afirma ser *um 'exterior' bem diferente, que é o conjunto de efeitos na 'esfera da ideologia', da luta de classe sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas*. Para a AD, o termo discurso diz respeito aos enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva e as suas condições de produção. Tendo em vista o discurso, Orlandi esclarece que *a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento* (ORLANDI, 1999, p. 15). Ao considerar o discurso como registro de uma dada formação social que, por conseguinte, revela-se numa certa formação ideológica, podemos afirmar que *o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem* (ORLANDI, 1999, p. 15).

A partir da necessidade dessa relação entre linguagem e os aspectos sociais e ideológicos, a AD é vista como análise extradiscursiva, e entende a linguagem vinculada aos processos histórico-sociais, que está materializada na ideologia. Segundo Brandão, a linguagem é concebida como

um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao sistema interno, enquanto formação lingüística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica (BRANDÃO, 1991, p. 18).

Dentro desse aspecto discursivo, a linguagem é entendida como algo que acolhe uma verdade exterior a ela, no entanto, é trabalhada a partir de sua incompletude. Podemos pensar, portanto, a produção do discurso e sua característica sócio-histórica. A produção discursiva se dá a partir de uma determinada formação ideológica, na qual o sujeito se insere. A AD constrói um quadro teórico que alia o lingüístico e o sócio-histórico e toma como conceitos fundamentais, o discurso e a ideologia. Pêcheux elabora, então, seu trabalho extraíndo das idéias de Foucault, a expressão *formação discursiva* e, para conceito de *formação ideológica*, toma como base o pensamento de Althusser.

Compreendendo que os sentidos existem nas sociedades e que eles circulam nos mais diversos lugares da sociedade é preciso enxergá-los através dos discursos que são os responsáveis pelo seu repasse. Assim, diz Fiorin (1990) ser a linguagem veiculadora do ideológico e, enxergar os sentidos materializados pela linguagem, é chegar ao ideológico e é identificar um sujeito que fala e que se representa sócio-ideologicamente.

Seguindo essa trilha teórica podemos nos referir à figura feminina com toda sua história sócio-ideológico-discursiva: enunciados organizaram-se em FD construíram uma história em *verdades* sedimentadas por práticas discursivas. Para Foucault (1995), *verdades* ou *jogos de*

¹ O Grupo Tuareg João Pessoa, é formado por alunas da Tuareg Kasa do Oriente e Núcleo de Dança do Ventre – escola, fundada há 8 anos inicialmente em RN/Natal e que hoje tem seu trabalho vinculado a outros estados como CE/Fortaleza; PB/João Pessoa e PE/Recife – ministrado pela professora e dançarina Nuriel, aprovada pela Casa de Chá Khan el Khalili/SP a qual se baseia na ideologia oriental.

² Para compor o grupo de informantes não- praticantes entrevistamos mulheres entre 21 e 48 anos, universitárias que se dispuseram a participar da entrevista.

verdades advêm das relações estabelecidas entre sujeitos, relações de *poder* que estão sempre presentes entre os sujeitos e são responsáveis pela sua conduta. Segundo Foucault (1995, apud OLIVEIRA, 2005, p. 48) *as relações de comunicação, localizadas nas FD, ‘transmitem uma informação através da língua, de um sistema de signos ou de qualquer outro meio simbólico’.*

No que concerne à história da figura feminina, relações foram estabelecidas segundo *verdades* dos homens em determinada época e *verdades* das mulheres conforme a história foi conduzida.

Entendendo, segundo Foucault (2004a), *jogos de verdades* como *um conjunto de regras de produção de verdade e verdade* como *temas fabricados em um momento particular da história* (FOUCAULT, 2004a, p. 282), vamos compreender as verdades sobre a mulher e sobre seu relacionamento comunicativo com a Dança do Ventre.

Dirigindo um olhar específico sobre o sujeito de nossa pesquisa – a mulher – podemos salientar que examinamos a reorganização do corpo feminino reformulando valores ideológicos através da dança. A Dança do Ventre, enquanto forma de expressão essencialmente feminina, considerada como componente transformador que leva a mulher à procura de novas perspectivas. Dessa forma, entendemos que a Dança do Ventre resgata a essência feminina³ e como o contexto sócio-cultural em que a mulher está inserida constrói os seus valores ideológicos capazes de levá-la a um processo de sujeição; para tanto a AD francesa pode nos oferecer subsídios na busca do funcionamento discursivo o que poderá fazer um resgate do “eu” que se reprime pelo cotidiano da vida contemporânea: a essência feminina. Analisamos discursos femininos de mulheres praticantes da Dança do Ventre para identificarmos o processo de reencontro de si mesma através do reencontro com o corpo.

Partindo da situação sócio-histórico-cultural da mulher que vive num mundo onde os conflitos, as desavenças e a competição constituem o estresse destruindo o “eu” interior que forma e conforma cada figura feminina, a mulher vai se distanciando de si mesma em prol dos filhos, do marido, da família, do trabalho, envolvendo-se no doméstico e deixando de olhar para si. Em consequência desse contexto, as mulheres vão perdendo seus ideais, seus valores de beleza feminina e passam a compor um quadro de seres que nunca estão satisfeitas consigo mesma.

A partir das discussões sobre a linguagem do corpo, percebemos que a mulher, segundo esta situação sócio-histórico-cultural, perdeu a sua essência porque, desconstruída de si mesma, desconstrói-se da vida, do grupo, de sua própria existência. Cria-se, com esta realidade, sensações, sentimentos de distanciamento com o corpo, com a mente e suas experiências com os períodos cíclicos femininos – menstruação, gravidez, parto, amamentação, menopausa – tornam-se cada vez mais complicadas e a sua união interior mais desgastada. A mulher passa a perder essa essência feminina e convive com tais experiências de forma problemática tornando-as doências: práticas que determinam *condutas* onde a mulher passa a distanciar-se de sua essência de ser mulher.

Para mudar esta situação é preciso aprender a aceitar-se como mulher e fazer-se dar mais chance de vida útil como mulher amante, mãe e pessoa reformulando valores ideológicos que a sociedade lhe impôs. Valores estes construídos pela história em que mergulhou a mulher na sua trajetória sócio-cultural. Surge a necessidade de reorganizar o corpo fazendo ressurgir o afeto, a vida e rever seus ritmos e se aconchegar a si própria procurando conciliar seu estilo de vida que possa recuperar as passagens existenciais femininas. Novas formações discursivas que regulam um novo ser: um sujeito-mulher aconchegado consigo mesma.

Considerando a dança como uma forma de expressão, podemos julgar a Dança do Ventre essencialmente feminina, como elemento catalisador que pode levar a figura feminina à busca de descoberta de novas perspectivas. Significa que podemos considerar a Dança do Ventre um elemento catártico em que a mulher pode equilibrar e transformar o seu interior. Ela surge como elemento exorcizante do “eu” que se aniquila no cotidiano e que acorrenta a mulher ao estresse da vida moderna. Ao trabalhar o ventre nos seus movimentos ondulatórios e ao reconhecê-lo

³ Essência feminina aqui entendida como as funções do corpo da mulher como a menstruação, a maternidade, amamentação, fertilidade.

como “sagrado” porque na história oriental da Dança do Ventre ele representava o sagrado por ser ele o responsável pela reprodução da espécie, a Dança do Ventre constitui-se pelas suas formações ideológicas/formações discursivas e pode conduzir condutas: uma ideologia que tem suas *verdades* inspiradas numa cultura sócio-histórica.

É preciso enxergar a dança como elemento “terapêutico”. A Dança do Ventre, através de sua linguagem, constrói uma “limpeza energética” através de movimentos corporais que desbloqueiam e liberam emoções resgatando a essência feminina que se reprime pelo cotidiano urbano. A linguagem da Dança do Ventre, com todos os seus valores, constrói uma discursividade por práticas discursivo-ideológicas constituindo *verdades* que se sedimentam pela memória discursiva.

Ao pensar sobre a linguagem dos movimentos corporais exercitada pela Dança do Ventre, é possível vê-la como capaz de recuperar e reequilibrar um “eu” perdido e dissimulado por um contexto sócio-ideológico-cultural responsável pela dispersão da essência feminina. Ao se reencontrar na dança e reencontrar o corpo, a mulher será capaz de reorganizar seus valores ideológicos de feminilidade e reconstruir um novo modo de viver. São *jogos de verdade* que se constituem por práticas discursivas sobre a relação corpo/alma numa linguagem específica.

A partir da relação que o homem teve com o seu próprio corpo e que serviu para reprimir e regular muitos comportamentos e culturas continua presente em nosso tempo contemporâneo e pode nos fazer compreender a idéia de que nossa forma de viver e sentir o corpo vem das experiências que vivenciamos, das atividades e crenças de nossa cultura, educação e família. Essa construção sócio-histórico-cultural ainda é refletida e muito presente em nossa sociedade. O aglomerado de traços culturais que estabelece o corpo como pecaminoso, sujo, perigoso, vergonhoso, faz com que se crie um corpo marcado de uma identidade cultural que acaba negando o próprio corpo, mantendo-o sob limites, domínios, normas e punições. Correlacionando essa concepção de que a postura que é tomada com relação ao corpo, Penna (1989) considera que

O contato corporal funciona como uma confirmação do ser humano, da sua presença real neste mundo e da aceitação desta presença pelos outros. (...) A atitude das pessoas com relação ao próprio corpo está relacionada com as atitudes de seus pais em relação aos corpos deles próprios e ao corpo do sujeito. Isto é, espera-se que uma pessoa tenda a apreciar a sua aparência se ela acredita ou sente que os seus pais a apreciam. (...) A hipótese é que, se os pais manifestam a aceitação do corpo de seus filhos através do contato físico, então as crianças podem chegar a experimentar a si mesmas como agradáveis, tornando-se satisfeitas com a sua aparência pessoal (PENNA, 1989, p. 32).

O corpo da mulher, principalmente, é visto como marca profunda de interdição e, por “perder” o seu corpo, a mulher também se distancia da feminilidade, do seu “eu”.

Estas *verdades* construídas ao longo da história constroem uma linguagem do corpo que faz os sujeitos ocuparem espaços e se objetivarem por meio de “condutas” capazes de identificá-los conforme padrões institucionalizados determinados por práticas sociais, ideológico-discursivas. Se levarmos em consideração essas *verdades* sobre a linguagem do corpo como “códigos” de comportamentos que se definem como

Conjunto de valores e regras de conduta que são propostas aos indivíduos (...) por meio de diversos aparelhos prescritivos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas (FOUCAULT, 2004 in OLIVEIRA, 2005, p. 51)

podemos pensar que na história da sociedade, a mulher recebeu “códigos” de comportamento no que tange ao seu corpo. Tais “códigos” de “moral” atuam no processo de subjetivação da figura feminina que passa por valores que conduzem condutas. Os “códigos morais” sobre o corpo feminino fazem o sujeito-mulher se distanciar e/ou aproximar da sua feminilidade porque são

códigos de comportamento que conduzem ensinamentos como forma de subjetivação localizadas no que Foucault (1997) chama de *técnicas de si* as quais ele define como

Os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos pra fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Pensando na questão das *técnicas de si*, a Dança do Ventre pode ser vista como um “código moral” que propõe um modelo de conduta a fim de “modelar” a identidade da mulher. A Dança do Ventre pode ser vista como *técnicas de si* porque visa, com seus “códigos”, com seus “ensinamentos” a constituição do sujeito-mulher conhecedor do seu corpo, das funções do seu corpo, da maternidade, da fertilidade: essência feminina. Se considerarmos a linguagem da Dança do Ventre como *técnicas de si* capazes de estabelecer uma comunicação entre o corpo, a alma e o mundo, podemos enxergá-la como *jogos de verdade* que constitui mecanismo regulador destinado a administrar a conduta do sujeito-mulher que passa a gerenciar seu comportamento a partir da relação estabelecida com seu corpo através de uma linguagem específica.

Dessa forma, pensamos o sujeito-mulher relacionando-o às instâncias de sua constituição num contexto sócio-histórico-cultural que envolve a verdade, o poder e a conduta individual. Um contexto histórico em que se insere a figura feminina onde se coloca a beleza como verdade, poder e conduta. Portanto, enxergamos a dançarina da Dança do Ventre como uma mulher que ocupa um lugar na sua função-sujeito e que conforme algumas *verdades* segundo “códigos modelares” de condutas se constitui como sujeito pelo processo de subjetivação foucaultiana que é *uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si* (FOUCAULT, 2004b, p. 262).

Entendendo o sujeito sob ponto de vista foucaultiano como produto das práticas discursivas e não-discursivas e que este sujeito, ao enunciar, reproduz essas práticas e institui formas de subjetividade, compreendemos que o sujeito-mulher praticante e o sujeito-mulher não-praticante assumem dizeres que distinguem as *verdades* tomadas. Considerando a dança como uma linguagem, entendemos que, por ser linguagem, há comunicação. Uma comunicação capaz de expressar uma relação bio-psico-social da mulher praticante. Expressões do corpo e da alma em relação com o mundo sócio-cultural. Sabemos dessa relação intrínseca do homem com o mundo e é nela que se estabelecem dizeres e re-dizeres como fruto de uma comunicação alicerçada numa troca de sentidos.

Em se tratando do processo de objetivação do sujeito na perspectiva foucaultiana, temos nestes depoimentos discursos que identificam dois sujeitos: sujeito-mulher não praticante da Dança do Ventre e outro sujeito-mulher praticante da Dança do Ventre. Em suas falas identificamos um processo de subjetivação peculiar a cada forma-sujeito: um Sujeito Praticante e um Sujeito Não-Praticante, que chamaremos sucessivamente de Sujeito P e Sujeito NP.

Enunciar sua relação afetiva com o seu corpo a partir de sua vivência com a Dança do Ventre é um procedimento discursivo que dá legitimidade ao seu dizer demonstrando que o sujeito-mulher praticante enuncia com conhecimento: aquele sujeito “sabedor” e “conhecedor” de *verdade* apregoada pela ideologia da Dança do Ventre que sedimenta seu discurso na valorização da essência feminina. Uma *verdade* revelada na sua subjacência que o ventre é sagrado porque é um templo onde se cultiva a reprodução da espécie humana, que a menstruação é prova bio-fisiológica da mulher enquanto fêmea, que a amamentação é o sulco da vida e marca da fêmea, que a relação amigável da mulher com o seu corpo a faz sentir-se mais mulher e mais fêmea. Uma *verdade* voltada para os valores da mulher, com o seu bem-estar, com sua interação com o ser-mulher e com o seu corpo onde os padrões de beleza são cultivados pela relação sadia com ele e os movimentos da dança.

O sujeito-mulher praticante da Dança do Ventre, por revelar seu dizer como sujeito que reflete sobre a sua condição de mulher, de fêmea, de sujeito com um corpo que é responsável pela continuidade da vida e que sua feminilidade incide no dizer de uma *verdade* sobre o seu

ventre, sua menstruação, sua reverência ao corpo e à reprodutividade que estão na fêmea: *técnicas de si*. Dessa forma, a Dança do Ventre pode ser entendida como uma *verdade* ou *jogos de verdade* que pode recuperar a subjetividade da mulher fazendo-a encontrar-se consigo mesma e vê-se como mulher feminina, em sua essência de mulher.

Seguindo esse caminho ideológico e cultural pensamos nos possíveis procedimentos de transformação operados no sujeito-mulher que, através das *técnicas de si*, firmaram, transformaram sua identidade no processo de subjetivação. Vejamos os exemplos a seguir:

Sujeito P1: *O que você acha de sua aparência? Gosto muito. Me aceito. À que você atribui a tensão pré-menstrual (T.P.M.)? Não tenho, acredita? Mas, assim, eu acho que deve vir do estresse do cotidiano, como dizem. Eu geralmente nesse pré-menstrual eu fico mais sonolenta, fico mais calma, eu fico tranqüila, pode gritar comigo que olhe... eu finjo que não to ouvindo nada. Eu sou uma pessoa altamente zen nessa fase, meu namorado adora isso, né, que eu sou bem tranqüila. Enquanto o povo ta quebrando a casa, derrubando tudo eu to respirando fundo e dizendo “não vou me estressar, não vou me estressar” (risos). E realmente não me estresso, eu acho isso bom. Como você se reconhece como mulher? Como mulher acho que primeiramente pelo meu corpo, que evidencia muito o corpo de uma mulher... (risos) ... tem a sexualidade em si, tem...*

Podemos observar que este dizer identifica uma mulher reencontrada, que se aceita, satisfeita com o seu corpo, e que se admite como mulher porque vê o seu corpo como sua identidade bem como considera o seu corpo como símbolo de sua sexualidade.

Sujeito P1: *Qual o significado de Dança do Ventre para você? Pra mim é uma dança da fertilidade então nela a gente consegue por pra fora toda a nossa sensualidade. Um movimento que a gente antes não conhecia e passa a conhecer. E tem também a questão toda de preparar a mulher pra dar a luz. Tem a questão de movimentos que você faz pra aliviar as contrações, amenizar cólicas, pra... é tanta coisa boa que a Dança do ventre traz....*

Em seu discurso esse sujeito reconhece a Dança do Ventre como a dança da fertilidade e responsável pela sensualidade – uma marca de feminilidade que está nos valores da sociedade. Ele vê os movimentos da Dança do Ventre como “terapia” porque reconhece que a dança alivia, ameniza as cólicas. Esse sujeito-mulher assume o dizer “científico-terapêutico” de uma prática discursiva em que se coloca a Dança do Ventre. Ao dizer que é “tanta coisa boa que a dança do ventre traz...” ela reconhece que esta dança é capaz de estabelecer uma relação entre o corpo e a mulher, e reproduz, assim, um dizer social, sedimentado por uma *verdade* institucionalizada pelas escolas de dança que asseguram essa ideologia.

Sujeito P1: *Na sua opinião, quais os benefícios que a Dança do ventre pode trazer para a mulher? Alívio de cólica, a questão da preparação pra o parto. Aliviar as dores, tensão, pra ela se sentir mais mulher, se sentir mais sensual, de provocar toda aquela magia, aquela sedução. Tem também o exercício físico que se faz, a questão de trabalhar músculo, as articulações e.... é isso.*

Em seu dizer este sujeito-mulher assume uma conduta de praticante e amante da Dança do Ventre pois acredita no seu “poder” terapêutico: ao reconhecer que a Dança do Ventre alivia as cólicas, prepara para o parto, elimina a tensão, faz a mulher sentir-se mais mulher e mais sensual, mais mágica e sedutora, este sujeito objetiva-se como uma mulher de bem consigo mesma e assume a linguagem da dança como uma prática que faz a mulher reencontrar-se e estar de bem consigo mesma. Aceita a Dança do Ventre como uma técnica que trabalha o corpo numa relação simbiótica da mulher com o seu corpo.

Sujeito P1: *Antes da Dança do Ventre, como você se relacionava com o seu corpo? Eu tinha vergonha, muita vergonha. Jamais tinha posto minha barriga pra fora nem tinha usado*

tanto decote na minha vida, nem tinha chegado a ponto de se exhibir. Porque eu ficava na frente do espelho dançando... eu achei fantástico. Eu acho que pra mim fez com que eu viesse aceitando aos poucos e hoje aceitar realmente o corpo que eu tenho, a mulher que eu sou, a sensualidade que eu possuo e pôr isso pra fora, externar.

Neste dizer há marcas de um sujeito reencontrado consigo mesmo pela relação estabelecida entre a linguagem da Dança do Ventre e esta mulher praticante. Ela aceita o seu corpo e com ele estabelece uma relação amigável. Se aceita como mulher e com o corpo que tem e com orgulho de poder externar esta mulher e este corpo que tem.

Sujeito P3: *Você acha que a Dança do Ventre expressa feminilidade? Tenho certeza. Por quê? Porque é uma dança feminina, é uma dança própria da mulher, historicamente é uma dança da mulher então não tem como não expressar feminilidade.*

Neste dizer, percebemos a presença dos *jogos de verdade* advindas das práticas discursivas da Dança do Ventre oriental que vem reforçar essa dança como essencialmente feminina. A história da Dança do Ventre retorna ao mundo ocidental com suas *verdades* sobre o corpo, o ventre, o feminino. Uma beleza feminina atravessada pela história.

Sujeito P4: *Como você vê a menstruação? Acho que é uma coisa saudável né, antes eu tinha muita cólica agora eu não tenho mais não. Você acha que a Dança do Ventre expressa feminilidade? Expressa. A dança do ventre é totalmente feminina...pra dançar você tem que ser feminina, pela história da dança do ventre é feminina...*

Este trecho nos revela que a Dança do Ventre pode funcionar como elemento terapêutico capaz de curar cólicas menstruais e deixar a mulher mais bem relacionada com a sua menstruação – sinônimo de sua essência feminina. A Dança do Ventre vista como marca feminina pela própria história, um discurso que advém de uma formação discursiva oriental.

Sujeito P5: *Antes da Dança do Ventre, como você se relacionava com o seu corpo? Eu creio que eu não era tão consciente do meu corpo, então...talvez não tão satisfeita, hoje eu tenho plena consciência de tudo o que posso, de tudo o que eu gosto... Esta prática modificou você? Sim. Hoje eu sou consciente corporalmente, satisfeita, feliz, me sinto completa porque tenho um objetivo, um incentivo, um estímulo na vida que me completa e que... uma paixão que eu busco alimentar, sempre alimentar para que sempre cresça, floresça dentro de mim.*

Ao sentir-se consciente do seu corpo, satisfeita, feliz, completa, encontrada, este sujeito-mulher, em seu dizer, vem comprovar os benefícios que estão cristalizados no discurso da linguagem da Dança do Ventre. *Verdades* que foram sedimentadas sócio-culturalmente por práticas discursivas e práticas da dança. Compreendendo que *verdades* transitam pela sociedade e que os sujeitos utilizam-se dessas *verdades* através das práticas discursivas sendo conduzidos conforme as ordens do discurso, pensamos em duas diferentes *verdades*: uma que estabelece que a mulher e seu corpo “devem ser sempre belos” conduzindo-a a manter-se na “forma perfeita” enquanto que a outra *verdade* vê a beleza da mulher na sua relação com o seu corpo, na sua relação com o seu eu, visando sua beleza interior. O contexto das relações diferenciadas entre o *mito da beleza* e o conhecimento de si através da Dança do Ventre faz o sujeito objetivar-se de forma distinta.

A partir da relação que o homem tem com o seu próprio corpo e que serve para reprimir e regular comportamentos presentes até hoje nas culturas, pudemos compreender a idéia de que a nossa forma de viver e sentir o corpo advém das práticas, condutas das experiências vivenciadas, de formações sociais que formulam práticas ideológico-discursivas. Uma construção sócio-histórico-cultural que constrói sentidos e molda identidades.

Construindo, portanto, uma nova prática discursiva que faz a construção de um novo sujeito-mulher e vista como linguagem do corpo, compreendemos que a Dança do Ventre pode comunicar o que o corpo silencia e resgatar a feminilidade oprimida sob o contexto em que vive

a mulher moderna. O discurso da expressão corporal explicitado pela Dança do Ventre faz comunicar os estados d'alma e funcionar como elemento de terapia que exorciza a linguagem do estresse – um dizer que pode expressar o não-dito que se instala no interior feminino. É uma linguagem que pode expressar um novo olhar sobre a mulher, novas “condutas” de novos sujeitos. Isto porque a mulher passa a enxergar o seu corpo, o seu ventre, a sua fertilidade segundo outras *verdades* que lhe fazem capazes de perceber a importância de seus órgãos reprodutores e de sua constituição feminina. Ela passa a se ver e a se cuidar como se cultuasse, reverenciasse toda a sua estrutura interna e externa que lhe dá a condição feminina. Cada parte do seu corpo passa a ter sentido no conjunto feminino. Os movimentos da dança juntamente com seus significados (sócio-ideológico-culturais) fazem o seu encontro com o seu EU-MULHER, o seu EU-FEMININO. Construir o seu EU (eu-mulher) é construir sua subjetividade. Ao “escolher” a Dança do Ventre como forma de relacionar-se com o seu corpo (formas de *verdades*), o sujeito-mulher estabelece uma relação do sujeito consigo mesmo (*técnicas de si*) constitutiva de subjetividade. E, nesta relação corpo/espírito/sentimentos, surge um outro sujeito-mulher: aquela mulher que compreende seus ciclos internos, externos, entende a fisiologia do seu corpo por meio das formações discursivas da Dança do Ventre que, em seu conjunto de idéias, lhes garantem a junção dos sentidos do corpo na dança, através de sua linguagem. E, nessa interação dessas estruturas, a imagem do corpo feminino vai se compondo: uma satisfação de ser mulher e ser feminina compreendendo seus ciclos internos que lhe fazem mulher.

Referências

- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1991.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.
- FOUCAULT, M. *O sujeito e o poder*. In: HUBERT, D. & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. In: *Ética, sexualidade e política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. Coleção Ditos e Escritos vol. IV.
- _____. *O retorno da moral*. In: *Ética, sexualidade e política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. Coleção Ditos e Escritos vol. IV.
- OLIVEIRA, M. A. de. *Confabulando com a moral e a narrativa: a linguagem ao infinito e os inaugamentos do dizer*. João Pessoa, 2005. Tese – Universidade Federal da Paraíba.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). Campinas: Unicamp, 1995.
- PENNA, L. *Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*. São Paulo: Summus, 1989.